Noticias

Curtir Cadastre-se para ver do que seus amigos gostam.

Data - 05.06.2014

"Eles vão me matar"

Para reconstituir os últimos passos do desaparecido político Edgar Aquino Duarte, Comissão Estadual da Verdade apresenta nova testemunha do caso.

Maria José Wilhensem era sócia de Edgar Aquino Duarte e trabalhou com ele como corretores na Bolsa de Valores em São Paulo. Edgar foipreso em 1971, logo após a prisão do agente infiltrado José Anselmo dos Santos (Cabo Anselmo) e está desaparecido desde junho de 1973. "Conheci Edgar em 1968, ele não disse seu nome verdadeiro, mas sim que se chamava Ivan Marques Lemos", relatou Maria José no depoimento colhido durante a 124ª audiência pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo "Rubens Paiva" realizada no dia 29/5 na Assembleia Legislativa de São Paulo. No final de setembro de 1970, Edgar contou para Maria José que encontrou com Anselmo e que este pediu para morar em sua casa. Ela e o marido quiseram que ele o trouxesse para a casa deles, mas Edgar recusou: - Não quero comprometer vocês, ele vai ficar lá em casa.

Os dias passaram e Maria José, seu esposo, Anselmo e Edgar até foram juntos para o Rio de Janeiro passar o Ano Novo. Nesta viagem, Anselmo estava acompanhado de Soledad Barret Viedma, sua companheira. Em outro momento, Edgar e Anselmo foram ver o jogo da seleção de Cuba. "Por algum motivo meu marido e eu não pudemos ir. Ele foi com o Anselmo. No outro dia, ele falou: - Alguma coisa não saiu bem, acho que nós fomos seguidos, Anselmo entregou um pacote para a capitã da seleção de Cuba, acho que alguém perto viu e fomos seguidos, tem gente seguindo a gente", recordou Maria José sobre a preocupação de Edgar.

No dia 30 de maio de 1971, Edgar chegou com a informação: - Anselmo foi preso, e agora? Todo cuidado era pouco, mas dessa vez o cerco estava muito fechado para Edgar. "Ele jantou conosco pela última vez no dia dois de junho e depois foi para a casa dele. No dia seguinte, o porteiro disse que aconteceu uma coisa muito ruim com ele. Na noite do dia 2, dois homens que se identificaram como amigos do 'Ivan Marques Lemos' subiram no apartamento e depois desceram abraçados com ele, mas Edgar estava com cara de assustado", lembrou Maria José que na época conversou com o porteiro do prédio localizado na Rua Martins Fontes, onde Edgar morava.

Alguns presos da época se arriscaram para denunciar que Edgar estava preso. "Edgar me deu um chinelo com uma carta dentro para que eu a enviasse para Maria José. Ela me contou que recebeu. A carta está guardada e contém o pedido dele para fazer algo que pudesse salvar sua vida, ele achava que ia morrer", contou Ivan Seixas, coordenador da Comissão e testemunha que Edgar esteve tanto no DOI-Codi quanto no DOPS-SP.

Adriano Diogo também viu Edgar Aquino no DOPS-SP quando estava na mesma cela com Jorge Barret Viedma, irmão de Soledad, também desaparecida e que estava grávida do Anselmo quando este a entregou para ser morta. Adriano, Jorge e Edgar conversaram muito e a essa altura já sabiam que se tratava de um agente infiltrado.

Maria Amélia de Almeida Teles viu no DOPS-SP um homem alto, branco, passar diante de sua cela. "Passaram com ele encapuzado, houve interrogatório na carceragem, xingavam, eu me lembro que era uma conversa violenta, gritavam: - Você vai morrer! Você vai morrer! O que você sabe é segredo de Estado!", relatou Maria Amélia Teles, também ex-presa política e hoje assessora da Comissão "Rubens Paiva". Maria Amélia chegou a ver o Edgar sem capuz e ele estava muito angustiado. – Eles vão me matar. Depois disso, ela e outros presos foram transferidos no dia 22 de junho de 1973 para o presídio do Hipódromo e nunca mais Edgar foi visto.

Até 1973, Maria José e seu esposo correram atrás de informações do amigo, mas nunca conseguiram nada. Mesmo com a carta que ela recebeu de Edgar constando seu nome verdadeiro, ao contatar o advogado Dr. Virgílio Lopes Eney, que entrou com pedido de habeas corpus, novamente os agentes disseram que não conheciam Edgar, nem com o nome falso nem com o nome verdadeiro.

Maria José também conheceu Cabo Anselmo, eram amigos, e recordou os últimos passos de Edgar Aquino antes de ele ser sequestrado por agentes da repressão. Edgar era marinheiro e foi expulso da Marinha em 1964 após participar da revolta dos marinheiros. Foi nessa época que conheceu o cabo Anselmo e o tinha como amigo. Voltou para o Brasil com nome falso e com outra função para tentar refazer sua vida, mas acabou morto e seus restos mortais nunca foram identificados.

A partir desse testemunho, o presidente da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo "Rubens Paiva", Adriano Diogo, acredita que as informações possam ajudar a esclarecer mais o caso e auxiliar na investigação do Ministério Público Federal que promoveu uma ação com denúncia contra o então major Carlos Alberto Brilhante Ustra, comandante do DOI-Codi-SP e contra Alcides Singilo e Carlos Alberto Augusto, delegados do DOPS-SP. Eles foram acusados da privação de liberdade ilegalmente de Edgar. A ação foi recebida e está em andamento na 9ª Vara da Justiça Federal em São Paulo.

Thaís Barreto é jornalista, assessora da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo "Rubens Paiva" – presidente Adriano Diogo.

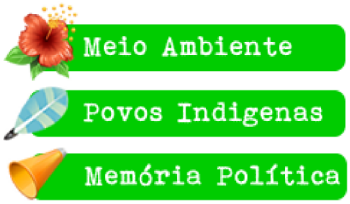
Veja os textos e vídeos das audiências.

Publicação

Gibi do Adriano Diogo

História de resistência e luta

Compartilhe: |



PT estadual
Petrobrás
Fatos e Dados
Portal Brasil

Juliana Cardoso
PT na Assembléia
Veja mais links>>

Receba nosso informativo!

enviar

Veja os últimos Informativos

Adriano Diogo©Todos os direitos reservados